

OS MODOS DA NARRATIVA N'OS LUSÍADAS

José Édil de Lima Alves

Ao tratarmos dos Modos da Narrativa n'*Os lusíadas*, tomamos por base as teorias de Tzvetan Todorov expostas em dois de seus livros: *Entruturalismo e poética* ¹ e *As estruturas narrativas* ².

Convém, todavia, ressaltar o fato de que, para aplicarmos tais teorias, sentimos necessidade de acrescentarmos alguns termos e de suprimirmos outros, a fim de podermos desenvolver o estudo que projetamos. Assim elaboramos o seguinte quadro esquemático que serviu de guia para o trabalho:

1 — MODO DA AÇÃO VIRTUAL

1.1 Optativo do Narrador-Poeta — ação desejada e referida pelo Poeta;

1.2 Optativo do Narrador-Personagem — ação desejada pelo personagem, transformado em narrador.

2 — MODO NÃO-ATIVO

2.1 Reflectivo — relativo às reflexões do Narrador-Poeta, do Narrador-Personagem e do Narrador;

2.2 Admirativo — relativo às admirações do Narrador-Poeta, do Narrador-Personagem e do Narrador.

3 — MODO DA AÇÃO REAL

- 3.1 Indicativo — ação referida por um narrador não-mitológico;
3.2 Predictivo — ação referida por um narrador mitológico.

As tentativas de justificar algumas das colocações propostas são as seguintes:

1 — MODO DA AÇÃO VIRTUAL — dividido em duas partes que se aproximam muito, tanto que a ambas chamamos Optativas.

A diferença está em que uma é o desejo expresso pelo Narrador, confundido na pessoa do próprio Poeta, enquanto que o outro optativo refere-se às colocações do Narrador-Personagem. Assim, a bipartição do Modo Optativo marca a presença do Poeta e a do Gama em planos bem destacados.

2 — MODO NÃO-ATIVO — assim chamamos ao que, no Poema, não se refere a Ações, sendo, contudo, parte muito importante n'Os Lusíadas. Tudo o que se refere a reflexões, chamamos Reflectivo e ao que era admiração, atribuímos o nome de Admirativo.

3 — MODO DA AÇÃO REAL — como os demais, dividido em duas partes, porque há realmente no Poema duas situações distintas de Ação Real: uma no plano dos deuses, outra no plano dos homens. Assim, o Modo Indicativo será a ação no plano dos homens; isto é, a ação no passado ou no presente, tempos do conhecimento pleno do homem; já o Modo Predictivo, sendo uma predição, só poderia ser referida por um deus ou semi-deus, para quem a temporalidade dos homens não tem valor e para quem o futuro não é outra coisa senão o próprio presente por-*vir*.

Por outro lado, a ordem dos elementos dada ao esquema proposto, o foi por questão metodológica: cremos que simplificará a interpretação do material levantado.

O critério que adotamos foi a ordem de importância dentro da estrutura d'Os Lusíadas, atestada pelos números.

Se, por outro lado, alteramos alguns dos conceitos teóricos de Todorov, foi porque tínhamos em mente suas próprias palavras: "... meu objetivo era levantar questões, mais que fornecer respostas. . ." ³

OS MODOS DA NARRATIVAS N'OS LUSÍADAS

Feito o levantamento dos Modos da Narrativa em todas as estâncias do Poema, verificamos o percentual, dado abaixo:

MODOS	ESTÂNCIAS	%
INDICATIVO	712	64,60
PREDICTIVO	260	23,56
REFLECTIVO	83	7,50
OPTATIVOS (1-2)	35	3,17
ADMIRATIVO	12	1,17
TOTAL	1.102	100,00

1 — A PRESENÇA DO MODO OPTATIVO NA NARRATIVA

1.1 O Modo Optativo do Narrador-Poeta predomina no Canto I, quando há o desejo patente por parte do Narrador de ver D. Sebastião tornar-se o Senhor do Quinto Império, bem como expressa o desejo de ver o seu canto espalhando a fama e a glória do povo português, como se vê:

"Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos que o desejo,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam,
E vereis hir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejão
Que são vlstos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado".

(I, 18)

"... ..
Cantando espalharel por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte".

(I, 2)

Ainda está bem presente o Optativo do Narrador-Poeta nas invocações que, como se sabe, são quatro ao longo do poema:

"E vós, Tagides minhas, pois criado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora hum som alto e sublimado,
Porque de vossas agoas Phebo ordene
Que não tenham enveja ás de Hippocrene".

(I, 4)

"Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o Illustre Gama,
Inspira Immortal canto e voz divina
Neste pelto mortal que tanto te ama;
... .. "

(III, 1)

"... .. Mas ó cego
Eu, que cometo insano e temerario
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e varlo
Vosso favor Invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que meu fraco batel se alague cedo".

(VII, 78)

"... ..
Aqui, minha Calliope, te Invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo
O gosto de escrever, que vou perdendo.

"... ..
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co que quero á nação minha".

(X, 8-9)

1.2 O Modo Optativo do Narrador-Personagem aparece predominantemente nas súplicas de Vasco da Gama, quando dos momentos de acen-
tuada crise:

"Ó caso grande, estranho e não culdado!
Ó milagre claríssimo e evidente!
Ó descoberto engano inopinado!
Ó perfida, Inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente
Se lá de cima a guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

Bem nos mostra a divina providencia
D'estes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na aparência
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, guarda divina, tem cuidado
De que sem ti não póde ser guardado.

E se te move tanto a piedade
D'esta misera gente peregrina,
Que só por tua altíssima bondade
Da gente a salvas perfida e malina,
Nalgum porto seguro, de verdade,
Conduzir-nos agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos".

(II, 30-31-32)

"Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar e terra senhoreas;

... ..

... ..
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende.
Mas antes teu serviço só pretende?"

(VI, 81-82)

Mas, não só de súplicas e invocações é feito o Optativo do Narrador-
Personagem. Aparece em melo à narração, como em D. Nuno Álvares,
por exemplo:

"Eu só com meus vasallos e com esta
— E dizendo isto arranca meia espada —
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do Rei da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios
Mas quantos a meu Rei forem contrarios".
(IV, 19)

2 — A PRESEÇA DO MODO NÃO-ACTIVO NA NARRATIVA

2.1 O Modo Reflectivo aparece no fim de nove dos dez cantos, estando presente em várias outras passagens da narrativa. Observando-se o final de cada Canto, vemos que no Canto I, o Modo Reflectivo ocupa a menor extensão: apenas uma estância e meia:

"Ó grandes e gravíssimos perigos!
Ó caminho da vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno.

(I, 105-106)

Ora, reserva-se justamente ao Canto X o maior número de estâncias finais do Reflectivo; de fato, as onze estrofes finais de toda a narrativa estão repletas de reflexões.

Ao final do Canto VII, nota-se também que dez estrofes finais estão no Reflectivo. Mas, este Canto apresenta em seu início um número igualmente grande de reflexões. As razões, parece-nos, são simples e evidentes.

Sabemos que o Poema em seu início apresenta um tom acentuadamente eufórico. Assim, a constatação de que mesmo as melhores intenções - dilatar a fé, por exemplo - esbarram em obstáculos difficilimos, não poderia deixar de ser breve, para não quebrar essa euforia de que o Poeta está possuído.

Contudo, à medida que se aproxima do fim, motivos vários agindo sobre o Poeta, fazem com que decresça o tom, notando-se, então, uma perceptível melancolia. No Canto X a reflexão é motivada pela mágoa do Poeta

"... .. ao ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a patria, não, que está metida
No gosto da cubiça e na rudeza
De hua austera, apagada e vil tristeza".

(X, 145)

e é a mais longa, pois o Poeta vê que, além de mergulhada quase no caos, os responsáveis maiores pelas tragédias que se avizinhavam eram os conselheiros que rodeavam ao Rei. Para tornar-se Senhor do Quinto Império, D. Sebastião deveria enfrentar ainda muitas e árduas batalhas e seria necessário saber que:

"De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
D'elle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando".

(X, 153)

Ao final do Canto VII, as razões que explicariam as reflexões são praticamente as mesmas que aparecem no Canto X: a decepção do Poeta diante de tantos sofrimentos pessoais sem recompensa e a dor de ver seu Rei cercado por gente mesquinha e ambiciosa que começavam a arrasar Portugal:

"Olhai que ha tanto tempo que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos,
Agora o mar, agora exp'rimtando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace que á morte se condena
Nua mão sempre a espada e noutra a pena;

Agora com pobreza avorrecida
Por hospícios alheios degradado,
... ..

(VII, 79-80)

"Nem creais, Nymphas, não que fama dêsse
A quem ao bem commum e do seu Rei
Anteposer seu proprio interesse,
Immigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso que quisesse
Sublr a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus viclos";

(VII, 84)

Contudo, é bem diversa a causa das reflexões ao início do Canto VII. All é a dilatação da fé e a luta fratricida na Europa da época que leva o Poeta a deter-se cortando o fio da ação uma vez mais; o elogio que tece aos portugueses é ressaltado pelo fato de que são os lusos os únicos europeus preocupados em difundir a Religião Cristã:

"A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
... ..

Vós, Portugueses, poucos quantos fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
... ..

Vêde'los Alemães, soberbo gado,
Que por largos campos se apacenta,
Do sucessor de Pedro rebellado,
Novo pastor e nova selta inventa;
Vêde'lo em feias guerras occupado
— Que lnda co cego error se não contenta! —,
Não contra o superbissimo Ottomano,
Mas por sair do jugo soberano.
... ..

Mas en tanto que cegos e sedentos
Andals de vosso sangue, ó gente Insana,
Não faltarão Chistãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Afríca tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera, lá chegára".

(VII, 2-3-4-14)

2.2 O Modo Admirativo — aparece ao final do Canto II — o único allás que, como se viu, não encerra por Reflectivo:

"... ..
Mais razão he que queira eterna gloria,
Quem faz obra tão digna de memoria".

(II, 113)

O Modo Admirativo destaca-se, contudo, na narrativa de Paulo da Gama. Cumpre aqui lembrar que Paulo da Gama conta a História de Portugal baseando-se nas descrições das bandeiras, isto é, apóla-se em material pictórico que lhe possibilita um grande recurso, muito bem explorado pelo narrador. Para ilustrar, bastaria tomar qualquer uma das estrofes em que fala o irmão do Capitão:

"Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejárão
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustrárão;
E d'elles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixárão,
Que os multos, por ser poucos, não temamos,
O que depois mil vezes amostramos".

(VIII, 36)

Em Vasco da Gama, apesar da narrativa ser bem longa, não se encontra quase o Admirativo. Porém, o Capitão narra a História de Portugal preocupado em ater-se ao espírito científico da Verdade Histórica:

"Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja
... ..

Além disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser”;

(III, 4-5)

Assim, preso à Verdade Histórica e tendo que fazer sua narrativa sem outro recurso que sua própria capacidade para contar, não se prende a admirações. Todavia, quando lança mão desse recurso, dá um brilho todo especial à narrativa:

“Ó grão fidelidade Portuguesa
De vasallo que a tanto se obrigava!
... ..”

(III, 41)

O Admirativo é escasso também no Narrador que não pode se deter. Mas, mesmo ele, às vezes, deixa escapar algum:

“... ..
Ó ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou de escura treva
E tão longe da patria achou maneira
Pera subir á patria verdadeira!”

(IX, 15)

3 — A PRESENÇA DO MODO DA AÇÃO REAL NA NARRATIVA

3.1 O Modo Indicativo ocupa 64,60% por cento da narrativa e isso por si só diz tudo.

A Ação Real aparece ao longo de todo o Poema, tanto no presente como no passado, seja na narrativa da viagem, feita pelo Narrador, seja na narrativa da História de Portugal feita pelo Gama. Esse modo aparece pela primeira vez no Canto I:

“Já no largo Oceano navegávão
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respirávão,
Das naos as velas concavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostrávão
Cubertos, onde as proas vão cortando
As marítimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas”;

(I, 19)

e aparece pela última vez no Canto X:

“Assi forão cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houverão vista do terreno
Em que nacêrão, sempre desejado;
Entrárão pela foz do Tejo ameno,
E a sua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, por que mandou
E com titulos novos se illustrou”.

(X, 144)

3.2 O Modo Predictivo aparece sempre com os personagens míticos, como convém, aliás, à verossimilhança.

Em quatro Cantos temos a presença do Predictivo. Logo no Canto I, cabe a Júpiter referir-se pela primeira vez aos Portugueses:

“... ..
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdels o pensamento,
Devels de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueção os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos”.

No Canto II, novamente Júpiter prediz as façanhas dos Lusitanos, quando tenta acalmar sua filha Vênus, cuja ira fora provocada pelos ataques de Baco aos Portugueses:

“... ..
Os vossos, móres cousas atentando,
Novos mundos ao mundo hirão mostrando.
... ..
Que nunca se verá tão forte pello
... ..”

(II, 45-55)

A seguir é Mercúrio quem, enviado por Júpiter, prediz ao Gama os acontecimentos futuros:

"... ..
... .. : Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece
Por te trazer ao fim e extremo damno;
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece.
Seren o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te".

(II, 61)

No Canto V, Adamastor encarrega-se de fazer algumas predições aos Portugueses:

"... ..
Ouve os danos de mi, que apercebldos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pola terra
Que lnda has-de sojugar com dura guerra".

(V, 42)

Porém, no Canto X é que aparece o maior número de estâncias repletas de predições, feitas pela Ninfa:

"Cantava a bella Deosa, que virião
Do Tejo pelo mar que o Gama abriira,
Armadas que as ribelras vencerião
Por onde o Oceano Indico susipira;
E que os gentios Reis que não darião
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provarião do braço duro e forte
Até render-se a elle ou logo á morte".

(X, 10)

E a própria Tethys, ao mostrar ao Gama a Máquina do Mundo, encarrega-se de várias predições, como esta, por exemplo:

"Vê do Benomotapa o grande Imperio,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pola fé sancta sua.

(X, 83)

CONCLUSÃO

O levantamento mostra que a Ação Real ocupa o lugar de maior importância na narrativa. De fato, 88,16% das estâncias são dedicadas aos Modos Indicativo e Predictivo.

Alfás, o modo por excelência do Canto X é o Predictivo que ali ocupa 108 estrofes, perfazendo um total de 69% do Canto.

Ao Modo Reflectivo reserva-se também um papel destacado na narrativa épica que estamos estudando: 83 estâncias que representam um total de 7,50% na narrativa global.

Porém, como conclusão do presente trabalho, diríamos que a narrativa, produto autêntico do Renascimento Humanista do século XVI é fundamentalmente de ação. Com isso, não estamos contra a teoria que defende ser o Poema Camoniano uma epopéa de espaço. Cremos mesmo que, sendo de espaço, não poderia deixar de ter na ação seu fundamento principal.

Pode-se notar, igualmente, que todos os personagens que Intervêm na narrativa são agentes da estória e da História: Vênus, Baco, Vasco da Gama, Nun'Álvares.

Por outro lado, é necessário ressaltar a importância da presença do Narrador-Poeta, através das reflexões que intercala à narrativa. E, essas reflexões permitem-nos saber o estado de ânimo desse Narrador-Poeta. Percebe-se, então, a curva decrescente pelo desencanto que invade o Narrador-Poeta à medida que a narrativa se desenrola e tende para o fim. Essa presença é importantíssima, porque marcará uma das principais características da Epopéa Lusitana.